

## **Comportamentos de vitimização na escola**

Elisabete Santos (elisantster@gmail.com) & Feliciano H. Veiga

*EBI da Luz/Carnide, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa*

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo geral analisar o comportamento de vitimização (*bullying*) recebida na escola em alunos do 4.º e do 6.º ano. Pretendeu-se averiguar a distribuição dos alunos pelos comportamentos de vitimização recebida e procedeu-se à sua análise em função do género e dos anos de escolaridade. A amostra foi constituída por 238 alunos do 4.º e 6.º anos de dois agrupamentos de escolas da área urbana de Lisboa. Na análise da dimensão de vitimização no *bullying* utilizou-se a adaptação portuguesa de “Peer Victimization Scale” (Veiga, 2007). Na análise dos resultados, foram detetadas diferenças no sentido esperado. Os resultados, na sua generalidade, conjugam-se com outros estudos realizados sobre esta temática. Esta investigação remete para a necessidade de novos estudos, analisando as dimensões do *bullying*, e sugere a realização de um estudo longitudinal com diferentes anos de escolaridade, bem como a implementação de um programa de intervenção na diminuição de tais comportamentos entre pares.

**Palavras - chave:** vitimização, relações entre pares, *bullying*, ano de escolaridade.

### **Introdução**

A pertinência do tema deve-se não só aos efeitos que os maus-tratos provocam no desenvolvimento saudável das crianças, assim como as consequências a longo prazo: na autoestima, no rendimento escolar, no progresso nos estudos, entre outros. As consequências deste comportamento afetam não só as vítimas, os observadores/testemunhas como os próprios agressores, que em muitos casos enveredam por uma vivência de criminalidade e abandono escolar (Caldeira & Veiga, 2011; McGrath, 2007; Vanderbilt & Augustyn, 2010). As ocorrências de *bullying* parecem ser comuns à maioria das escolas tanto em meio sócio-económico baixo como em meio sócio-económico mais elevado, passando a não ser só um fenómeno que afeta minorias para poder abranger um largo número de crianças e jovens (Beane, 2006; 2011; Caldeira & Veiga, 2011; McGrath, 2007; Vanderbilt & Augustyn, 2010; Veiga, 2012).

### *Definição de bullying*

Embora não se trate de um vocábulo português, a palavra “bullying” é bem conhecida pela maioria da sociedade, embora por vezes não se utilize nas situações adequadas ao comportamento que designa. Olweus, um dos precursores na investigação sobre esta temática, define que *bullying* ou vitimização ocorre quando um estudante é sujeito a comportamentos agressivos, de forma repetida e prolongada no tempo, que podem ser expressos verbalmente (chamando nomes), por agressões físicas (bater, pontapear), fazendo “caretas” ou “gestos” de provocação ou intencionalmente excluir alguém de um grupo (Olweus, 1994).

O desenvolvimento da tecnologia veio provocar alterações no modo como o *bullying* se desenrola na atualidade, fazendo aumentar a diversidade de atos de crueldade social (River *et al*, 2007; Trolley & Hanel, 2010). Surge um fenómeno designado por *tecnobully* ou *cyberbullying*, que consiste na utilização de meios eletrónicos (sms, e-mails ou outras redes sociais) para a divulgação de provocações, humilhações, com a intenção de perseguir, humilhar ou ameaçar. Seja qual for o contexto, a expressão “*bullying*” diz respeito a um conjunto de comportamentos que afetam negativamente o corpo, sentimentos, bens, relações pessoais e até reputação de uma pessoa e são exercidos de uma forma intencional, prejudicial, persistente e em desequilíbrio de forças (Beane, 2006; 2011; Caldeira & Veiga, 2011; McGrath, 2007; Vanderbilt & Augustyn, 2010; Veiga, 2012).

#### *Intervenientes numa ação de bullying*

Numa situação de *bullying* podemos considerar vários e multifacetados papéis, que dependem da atitude que cada indivíduo toma perante a agressão. Na sua generalidade, consideramos: as vítimas, que são os alvos dos agressores; os agressores, que são os agentes da agressão; e as testemunhas/observadores, que estão presentes no momento da agressão, podendo ou não intervir. A vítima é exposta a uma forma repetida e prolongada no tempo, a um comportamento de agressão que poderá ser de ameaça, humilhação, exclusão social, entre outros. Nesta situação, todo o seu bem-estar na escola será afetado, sente-se indefesa perante a agressão, num ambiente de mal-estar e medo (McGrath, 2007). Não apresenta confiança nas interações entre pares, revela pouca habilidade de se autoafirmar e de gerir as reações agressivas (Caldeira & Veiga, 2011; McGrath, 2007; Vanderbilt & Augustyn, 2010; Smith & Sharp, 1998). Beane (2006) caracteriza o perfil das vítimas também como crianças que não se “adaptam” (encaixam) ao ambiente escolar e também cujos pais são demasiado protetores e/ou dominadores. Uma típica vítima é geralmente passiva e submissa, mais ansiosa e insegura do que os seus colegas de escola e frequentemente cautelosa, sensível e calada (Olweus, 1994). É apontado um conjunto de fragilidades físicas e psicológicas como podendo contribuir para uma criança se tornar vítima de *bullying*. A repetida perseguição e humilhação contribuirá ainda mais para a sua insegurança. O facto de um simples “importunar” passar a *bullying*, também depende em grande parte da reação da vítima, assim como da sua posição no grupo de pares (Dowdney, 1993; McGrath, 2007; Vanderbilt & Augustyn, 2010).

Nos perfis de agressores de *bullying* verifica-se alguma diversidade, mas na sua generalidade apresentam uma atitude positiva face à violência e recorrem ao seu uso com mais frequência do que os seus colegas. Um aspeto relevante é não manifestarem qualquer empatia com as

vítimas do *bullying* (Olweus, 1994). Revelam uma grande necessidade de poder e de domínio, parecendo gostar de subjugar e dominar os outros. Parece agradar-lhes o poder que têm sobre as vítimas, que pode ser um poder físico, psicológico ou social (McGrath, 2007).

A testemunha, observador ou espectador de uma ação de *bullying* pode tomar a atitude de participar na agressão, incentivando o agressor, pode só observar e depois afastar-se ou pode tomar a posição de defender a vítima, fazendo uma intervenção ou chamando um adulto para interferir. A intervenção numa ação de *bullying* não é habitual, mesmo que os observadores pensem que a ação cometida não é correta. Geralmente respeitam o agressor, por temerem converterem-se também em vítimas e por outro lado, duvidam que tenham alguma força ou poder de parar a agressão (Dowdney, 1993). Salmivalli (2010) considera que quando vários indivíduos observam uma situação de *bullying* é pouco provável que algum venha a intervir e terminar com essa ação violenta, dado que a testemunha se sente menos responsabilizada, pois talvez espere que algum dos restantes observadores tome a iniciativa de parar com aquela situação. Por outro lado, também poderá concluir que se ninguém toma uma posição de intervenção, poderá ter como causa concluir da não gravidade da situação.

### *Efeitos do Bullying*

*Bullying* é o mais malicioso e malevolente comportamento antissocial praticado na escola, dados os seus efeitos prolongados no tempo e os prejuízos que provoca no desenvolvimento da criança (McGrath, 2007; Vanderbilt & Augustyn, 2010; Tattum *et al*, 1993). Há evidências de que a continuidade e persistência de *bullying* pode contribuir para problemas a longo prazo, assim como para imediata infelicidade da criança. As crianças que sofrem de *bullying* correm o risco de continuar na angústia e fraca autoestima, que poderá ter efeitos duradouros na vida adulta.

Aqueles que desempenham o papel de agressores também estão a “aprender” que podem conseguir o que querem abusando do poder nas suas relações com as outras pessoas (Smith & Sharp, 1998). Os comportamentos agressivos na infância podem levar a problemas comportamentais que conduzem à criminalidade e abuso de álcool, o que é comprovado por alguns estudos de Olweus (1994). O *bullying* afeta todos os que nele intervêm, tanto vítimas que podem ter perturbações físicas e emocionais, como os agressores e as testemunhas/espetadores que não estão imunes ao efeito do *bullying*, assim como não são inocentes da sua ocorrência (Vanderbilt & Augustyn, 2010). Dado o prolongamento temporal e o carácter repetido das ações, os danos físicos, psicológicos ou sociais podem ir-se agravando, tendo grande impacto na vida pessoal e escolar dos intervenientes nestas ações

negativas (Caldeira & Veiga, 2011; McGrath, 2007; Vanderbilt & Augustyn, 2010; Veiga, 2012).

### *Fatores do Bullying*

Na explicação para a ocorrência de violência na escola, especificamente de *bullying*, há uma diversidade de fatores favoráveis ao desenvolvimento da agressividade nos comportamentos da criança, que podem ser individuais ou exteriores ao sujeito. Beane (2011) aponta as qualidades que integram a personalidade de um indivíduo como podendo afetar o modo como a pessoa sente, pensa e age. Referindo que uma criança ativa e impulsiva terá mais tendência a ter comportamentos agressivos do que uma criança mais calma. O autor também refere as preferências, preconceitos e valores que os pais muitas vezes transmitem, podendo promover conflitos ou outros problemas relacionais. Da sociedade, a criança também aprende desde cedo a definir um certo “padrão de aceitação” dos outros, com base no que é aceitável: a valorização da aparência, da inteligência, da força, entre outros. O que ficar à margem destes estereótipos tenderá a cair na exclusão por parte da criança. Ainda ligada à influência exercida pelo meio familiar, Smith e Sharp (1998) apontam a atitude emocional dos pais durante os primeiros anos, a falta de carinho e de envolvimento pode contribuir para que a criança se revele agressiva e hostil para com os outros. O desenvolvimento de um comportamento agressivo também não é independente das relações entre os adultos na família. Frequentes conflitos, discussões entre pais, em situação de separação/divórcio ou não, provocam insegurança nas relações com a criança. O estabelecimento de regras rígidas ou, pelo contrário, a sua ausência também favorecem a ocorrência da violência (Caldeira & Veiga, 2011; Smith & Sharp, 1998; Vanderbilt & Augustyn, 2010; Veiga, 2012).

No contexto escolar, Caldeira & Veiga (2011) referem que a relação estabelecida entre professor/aluno, a organização da escola e o modo como são geridos os casos de indisciplina são fatores que afetam o comportamento dos alunos, que poderão ser violentos ou não. Embora os fatores individuais e familiares possam estar na origem do *bullying*, será a influência do ambiente escolar que determinará a continuidade ou interrupção do mesmo. Pretendeu-se, no estudo agora apresentado, averiguar a distribuição dos alunos pelos comportamentos de vitimização recebida e proceder-se à sua análise dos resultados na vitimização em função do género e dos anos de escolaridade. Para tal, formularam-se as seguintes questões de estudo: Q1: Como se distribuem os alunos pelos comportamentos de vitimização recebida na escola?; Q2: Quais as diferenças nos comportamentos de vitimização

em função do género e do ano de escolaridade? Para responder a tais questões, foi utilizada a metodologia que a seguir se expõe.

## **Metodologia**

### *Instrumentos*

Para a recolha dos dados sobre a vitimização recebida na escola foi utilizado o questionário “Peer Victimization Scale”(Mynard & Joseph, 2000), adaptado por Veiga (2007) para Portugal. O questionário é constituído por um conjunto de dezasseis questões fechadas, abrangendo situações de vitimização física, verbal, social e ataque à sua propriedade. A escala de tipo Likert permite três opções de resposta dos alunos face à ocorrência dos comportamentos de vitimização a que foram sujeitos (0=nunca, 1=uma vez, 2=mais de uma vez).

### *Procedimento*

Após a concessão de autorização da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) para a aplicação do questionário, foram contactados os dois diretores de agrupamentos de escola da zona urbana de Lisboa e os docentes das turmas em questão. A aplicação dos questionários decorreu entre a última semana de novembro e a primeira quinzena de dezembro de dois mil e dez, a turmas do 4.º e 6.º anos, em contexto de sala de aula.

Neste estudo foram aplicados 338 questionários, tendo sido eliminados 10 questionários, por revelarem falta de envolvimento no seu preenchimento. Após a sua recolha, os dados dos questionários foram codificados e sujeitos a um tratamento estatístico do programa informático *Statistical Package For Social Sciences* (SPSS-X), versão 18.

### *Sujeitos*

Participaram neste estudo 328 alunos, sendo 159 do 4.º ano (48,5%) e 169 do 6.º ano (51,5%). A idade dos alunos está compreendida entre os 8 anos e os 16 anos, sendo predominante a faixa de 9 anos no 4º ano e de 11 anos para os alunos do 6.º ano. No género feminino constam 158 (48,2%) e no género masculino 170 alunos (51,8%).

## **Resultados**

Em resposta à questão de estudo “Como se distribuem os alunos pelos comportamentos de vitimização recebida na escola?”, verificamos, pela observação da Tabela 1, que em sete dos dezasseis itens do questionário, a maioria dos alunos declarou ter sido vítima de *bullying* uma

vez ou mais do que uma vez. A vitimização sofrida pelos alunos, abrange as dimensões física, verbal, social e contra a propriedade. A dimensão verbal apresenta o valor mais elevado (69,4%) com duas ou mais vezes de ocorrência.

Tabela 1- Distribuição dos alunos pelos itens da vitimização recebida na escola, em termos de ocorrência

<b>Peer Victimization Scale</b>	<b>0 (%)</b>	<b>1 (%)</b>	<b>2 (%)</b>
01. Deram-me um murro	66,1	18,3	15,6
02. Tentaram meter-me em sarilhos com os meus amigos	46,2	29,2	24,6
03. Chamaram-me nomes	17,1	13,5	69,4
04. Levaram as minhas coisas sem autorização	43,1	28,7	28,1
05. Deram-me pontapés	39,4	18,3	42,2
06. Tentaram pôr os meus amigos contra mim	47,6	22,9	29,6
07. Gozaram comigo por causa da minha aparência	49,4	19,2	31,4
08. Tentaram estragar algumas das minhas coisas	59,0	19,9	21,1
09. Feriram-me fisicamente	63,4	14,9	21,6
10. Recusaram-se a falar comigo	50,8	21,1	28,1
11. Fizeram pouco de mim sem razão	55,7	22,3	22,0
12. Roubaram-me alguma coisa	56,1	22,9	21,0
13. Espancaram-me	83,4	8,0	8,6
14. Fizeram com que as outras pessoas deixassem de me falar	55,5	25,0	19,5
15. Insultaram-me com palavrões	36,5	21,8	41,7
16. Estragaram as minhas coisas de propósito	64,9	17,7	17,4

Legenda: 0 – Nunca; 1 – Uma vez; 2 – Duas ou mais vezes, durante o corrente ano letivo

Uma outra questão de estudo implicou a análise dos resultados em função do género. Analisando os diversos itens de vitimização em função do género, somente em quatro desses itens se detetaram diferenças significativas, o que mostra a Tabela 2. As diferenças mais significativas surgiram no item 01 (“Deram-me um murro”) e 15 (“Insultaram-me com palavrões”), que pertencem a uma dimensão física e verbal da vitimização, com um valor superior no género masculino. No género feminino apresentaram um valor superior os itens 10 (“Recusaram-se a falar comigo”) e 14 (“Fizeram com que as outras pessoas deixassem de me falar”), incluídos numa dimensão social da vitimização.

Tabela 2 - Diferenças no *bullying* em função do género

Itens de vitimização	Género	N	Média	DP	t	Sig
01. Deram-me um murro	F	157	0,33	0,664	-3,882	0,000
	M	170	0,65	0,795		***
10. Recusaram-se a falar comigo	F	158	0,89	0,871	2,431	0,016
	M	169	0,66	0,837		*
14. Fizeram com que as outras pessoas deixassem de me falar	F	158	0,75	0,813	2,376	0,018
	M	170	0,54	0,755		*
15. Insultaram-me com palavrões	F	157	0,93	0,900	-2,423	0,016
	M	169	1,17	0,857		*

\*p<0.05; \*\* p<0.01 ; \*\*\*p<0,001

Outra questão de estudo implicou a análise dos resultados em função do ano de escolaridade. Na Tabela 3 estão apresentados os itens de vitimização em que se verificou diferenciação nas situações de vitimização entre alunos do 4º e 6º anos de escolaridade. Observa-se que apenas nos itens de vitimização registados (05, 09, 10, 11, 13 e 14) se verifica uma diferença estatisticamente significativa com valores superiores no quarto ano de escolaridade relativamente ao sexto ano. Destacam-se os itens 09 (“Feriram-me fisicamente”) e 13 (“Espancaram-me”) como valores de diferenciação estatisticamente mais significativos.

Tabela 3 - Diferenças no *bullying* em função do ano de escolaridade

Itens de vitimização	Ano	N	Média	DP	t	Sig
05. Deram-me pontapés	4	159	1,18	0,870	3,050	0,002
	6	168	0,88	0,914		**
09. Feriram-me fisicamente	4	159	0,77	0,866	4,037	0,000
	6	169	0,41	0,743		***
10. Recusaram-se a falar comigo	4	158	0,92	0,888	2,962	0,003
	6	169	0,64	0,813		**
11. Fizeram pouco de mim sem razão	4	159	0,77	0,841	2,388	0,017
	6	168	0,56	0,779		*
13. Espancaram-me	4	158	0,39	0,720	4,010	0,000
	6	168	0,13	0,426		***
14. Fizeram com que as outras pessoas deixassem de me falar	4	159	0,79	0,822	3,298	0,001
	6	169	0,50	0,733		**

\*p<0.05; \*\* p<0.01 ; \*\*\*p<0,001

## Discussão e conclusões

O estudo apresentado regista comportamentos de vitimização em contexto escolar. Conclui-se que se verificaram ocorrências de todas as dimensões da vitimização, embora haja um maior número de alunos vítimas de agressão verbal. O registo significativo de casos de vitimização confirma outras referências de estudos realizados sobre a temática (Olweus, 1994; River *et al*, 2007). Em Portugal, os estudos de Carvalhosa e outros (2001) e Pereira (2008) indicaram também um registo considerável de situações de vitimização, semelhante aos do presente estudo.

Analisando-se os dados quanto às diferenças entre géneros no *bullying* constataram-se diferenças em alguns itens de vitimização. O género masculino obteve valores superiores em itens incluídos na vitimização física e vitimização verbal e o género feminino na dimensão social da vitimização. Estes resultados estão em concordância com os estudos realizados (Beane, 2006; Craig, 1998; Olweus, 1994 e Smith & Sharp, 1998), em que se concluiu que entre os rapazes são mais comuns casos da agressão física e também um tipo de agressão verbal mais provocativa, como é o caso dos insultos com palavrões, do que entre as raparigas. A dimensão social da vitimização, também denominada por *bullying* indireto, o qual se caracteriza pela tentativa de exclusão social do sujeito, é mais usado pelo género feminino, como é salientada por vários autores, como Beane (2006), Bjrkvist (2000), Olweus (1994) e Smith e Sharp (1998).

No que concerne às diferenças no *bullying* entre alunos do 4º e do 6º ano de escolaridade, verificaram-se valores superiores no quarto ano de escolaridade relativamente a alguns itens de vitimização, o que podemos concluir ser mais habitual nos alunos do 4.º ano, numa faixa etária inferior, o que está em consonância com outros estudos, em que se verificou que as ocorrências de *bullying* tendem a diminuir com o avanço da escolaridade, principalmente na dimensão física da vitimização (Olweus, 1994). Também de acordo com um estudo de Craig (2008), concluiu-se que a vitimização, assim como a agressão, estavam mais presentes em alunos mais novos do que em alunos mais velhos.

As situações de vitimização indicadas no presente estudo acabam por ser preocupantes, alertando-nos para condicionantes que afetam o bem-estar dos alunos nas suas vivências escolares. Constatase a necessidade de continuidade de estudos sobre comportamentos de vitimização entre crianças e jovens; a sociedade está em constante mudança e vão surgindo novas situações que é necessário conhecer e analisar, em termos dos seus efeitos no desenvolvimento dos alunos. Poderemos, assim, conhecer alguns dos maiores condicionantes das aprendizagens na escola.



## Referências

- Beane, A. L. (2006). *A sala de aula sem bullying: mais de 100 sugestões e estratégias para professores* Porto: Porto Editora.
- Beane, A. L. (2011). *Proteja o seu filho de Bullying*. Porto: Porto Editora.
- Besag, V. (2006). *Understanding Girls' Friendship, Fights and Feuds – A practical approach to girls' bullying*. Open University Press. Acedido em 09/08/2011 no sítio: [http://books.google.pt/books?id=qsw\\_qUXY4m0C&lpg=PA38&ots=pcBJawYP-a&dq=besag%202006&pg=PA238#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=qsw_qUXY4m0C&lpg=PA38&ots=pcBJawYP-a&dq=besag%202006&pg=PA238#v=onepage&q&f=false)
- Björkvist, K. et al. (2000). Social Intelligence - Empathy = Aggression? in *Aggression and Violent Behavior*, Vol. 5, Nº.2, 191-200. Acedido em 03/03/2011, no sítio: [www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)
- Caldeira, S.& Veiga, F. (Eds.). (2011). *Intervir em situações de Indisciplina, violência e conflito*. Lisboa: Fim de Século.
- Carvalhosa, S.; Lima, L.; & Matos, M. (2001). Bullying - A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. In *Análise Psicológica*, 4, 523-537. Lisboa.
- Craig, W. (1998). The relationship among bullying, victimization, depression, anxiety, and aggression in elementary school children in *Personality and Individual Differences*. 24(1). 123-130.
- Dowdney, L. (1993). Bullies and their victims. In *Current Paediatrics*.3. 76-80. Longman Group, UK, Ltd. Acedido em 03/03/2011, no sítio: [www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)
- McGrath, M.J. (2007) *School bullying: Tools for avoiding harm and liability*. Thousand Oak: Corwin Press.
- Olweus, Dan. (1994). *Bullying at School, What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Rivers, I., Ducan, N. and Besag, V. (2007). *Bullying, A handbook for Educators and Parents*. London: Praeger Publishers.
- Pereira, B. O. (2008). *Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças* (1ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & FCT.
- Salmivalli, C. (2010) Bullying and the peer group: a review in *Aggression and Violent Behavior*. 15. Pp 112-120. Elsevier. doi: 10.1016/j.avb.2009.08.007. Acedido em 03/03/2011, no sítio: [www.sciencedirect.co](http://www.sciencedirect.co)
- Smith, P., & Sharp, S. (1998). *School Bullying*. London: Routledge
- Tanttum, D. et al (1993). *Understanding and Managing Bullying*. Oxford: Heinemann School Management.
- Trolley, B., & Hanel, C. (2010). *Cyber Kids, Cyber Bullying, Cyber Balance*, Corvin, USA.
- Vanderbilt, D. & Augustyn, M. (2010). *Pediatrics and Child Health, Symposium: Special Needs*. Elsevier. Acedido em 03/03/2011, no sítio: [www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)
- Veiga, F. H. (2007). Adaptação da “Multidimensional Peer Victimization Scale” para Portugal. Apresentação em *Poster na XIII Conferência Internacional sobre "Avaliação Psicológica: Formas e Contextos"*. Braga: Universidade do Minho, 2 e 4 de Outubro.
- Veiga, F. H. (2007). *Indisciplina e Violência na Escola. Práticas Comunicacionais para Professores e Pais*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Veiga, F. H. (1996). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola* (2ª d.). Lisboa: Editora Fim de Século.
- Veiga, F. H. (2012). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola* (3ª Ed., revista e ampliada). Lisboa: Editora Fim de Século.